

Anti-especulação

Os principais bancos centrais agiram com rapidez no dia seguinte aos atentados terroristas nos Estados Unidos. Mesmo assim, não conseguiram evitar que os mercados fossem tomados por excesso de nervosismo em face da incerteza sobre o que pode vir a acontecer. O abalo sofrido pelas instituições financeiras que têm sede em Nova York ou lá operam sem dúvida agravou esse clima: quase sempre as grandes transações internacionais em algum momento passam pelo mercado americano.

Não se pode esperar que já nesta segunda-feira tudo volte ao normal nos centros financeiros. Foi muito forte o trauma causado pelos atentados terroristas que fizeram desaparecer do mapa de Nova York as torres do World Trade Center e destruíram parte do Pentágono em Washington.

A solidariedade internacional

manifestada aos Estados Unidos precisará ser estendida às finanças, para evitar que economias mais fragilizadas sofram algum tipo de ataque financeiro nesse momento político delicado do mundo.

...garantindo
fôlego para
atravessar um
certo grau de
turbulência

Não se pode dizer que a posição do Brasil seja a mais vulnerável, porque o país renovou o acordo com o Fundo Monetário Internacional, garantindo fôlego para atravessar um certo grau de turbulência nos mercados internacionais neste e no próximo ano. O Banco Central vem confirmando na prática a importância do acordo, ao atuar contra movimentos especulativos no câmbio. De fato só muita vontade de especular explica a intensa procura pelo dólar nos últimos dias. A valorização da moeda da nação que está no epicentro da crise não é racional — mesmo que os EUA continuem tão poderosos quanto antes.